

---

## **Narrar entre nós como método: histórias de vida de mulheres em situação de refúgio contadas por meio de uma reportagem-ensaio<sup>1</sup>**

Carolina Moura KLAUTAU<sup>2</sup>

Cremilda MEDINA<sup>3</sup>

Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

### **RESUMO**

Esta pesquisa pretende responder à pergunta: o que mulheres em situação de refúgio compartilham quando participam de oficinas coletivas de narrativa? O resultado, apresentado em forma de reportagem-ensaio, diz que desejos para o futuro, trabalho, maternidade, acesso à cultura local e interação sociocultural emergem durante a prática do narrar entre nós - como chamamos a metodologia desta pesquisa. As oficinas de narrativas foram realizadas com mulheres acolhidas pela Casa de Passagem Terra Nova, em São Paulo, entre outubro e novembro de 2021. Os estudos de Julieta Paredes, Gayatri Spivak, Emma Haddad e Margareth Rago ajudam a construir as bases teóricas deste trabalho.

**PALAVRAS-CHAVE:** comunicação; narrar entre nós; jornalismo; estudos de refúgio; estudos de gênero.

### **PRIMEIROS DESLOCAMENTOS**

Mais de 114 pessoas ao redor do mundo foram obrigadas a deixar suas casas, segundo o Relatório de Tendências Semestrais do Alto Comissariado da Organização das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR, 2023). A publicação é de setembro de 2023 e representa os dados mais recentes sobre o assunto. Fazem parte desse número as pessoas deslocadas internas, solicitantes de asilo, refugiadas e aquelas que buscam outro tipo de proteção por instituições internacionais. Desse número, 52% é composto por mulheres e crianças.

No que diz respeito à nacionalidade, a Síria lidera a quantidade de pessoas refugiadas ao redor do mundo: são 6,5 milhões de indivíduos. Na sequência, estão Afeganistão (6,1 milhões) e Ucrânia (5,9 milhões). Acrescente-se a esses números os da Agência das Nações Unidas de Assistência aos Refugiados da Palestina no Próximo

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Professora do Curso de Jornalismo da Universidade Anhembi Morumbi. Doutora em Comunicação pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), email: [carolklautau@gmail.com](mailto:carolklautau@gmail.com).

<sup>3</sup> Jornalista, pesquisadora e professora titular sênior da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, email: [medinase@usp.br](mailto:medinase@usp.br).

---

Oriente (UNRWA) que atende a aproximadamente seis milhões de pessoas. Por outro lado, entre os países que mais abrigam quem teve que deslocar-se estão Irã e Turquia com 3,4 milhões de concessões de status de refúgio, seguidos pela Alemanha que já recebeu 2,5 milhões de pessoas (ACNUR, 2023).

Os números brasileiros são mais tímidos, mas indicam crescimento: em 2018 foram 80.057 pedidos de reconhecimento do status de refugiado e refugiada; em 2019, 82.552; em 2020 – primeiro ano da pandemia de Covid-19 – 28.899; em 2021, 29.484; em 2022, 50.355. Pessoas refugiadas no Brasil são de maioria venezuelana, haitiana e afegã. Os dados são da pesquisa “Refúgio em Números” e representam as informações mais atualizadas sobre o fenômeno (JUNGER; DA SILVA; CAVALCANTI; LEMOS SILVA, TONHATI; LIMA COSTA, 2023).

O aumento em mais de 50% da quantidade de pessoas deslocadas à força nos últimos dez anos,<sup>4</sup> deixa em evidência a necessidade de olhar para o fenômeno do refúgio, assim como para os grupos mais afetados pelo fenômeno: mulheres e crianças – que são, aliás, ao lado das pessoas idosas, as mais afetadas por diversos tipos de crueldade, como afirma João Alexandre Pereira (1979, p. XI) no prefácio do livro *Memória e Sociedade* de Ecléa Bosi. Acrescente-se a isso o fato de que algumas pessoas que desenvolvem pesquisas sobre refúgio falam de uma feminização do processo, dada a quantidade crescente de mulheres em deslocamento. Mesmo assim, quando o assunto é refúgio, as mulheres ainda são vistas em relação aos homens, como diz Teresa Kleba Lisboa (2006).

A ameaça de violência típica de gênero e o poder de os homens agenciarem o que diz respeito à condição de refugiada, causam diferenças particulares para mulheres refugiadas: ‘Os corpos de mulheres deslocadas são feitos para tornarem-se lugares de poder onde relações baseadas em gênero privilegiam homens ao invés de mulheres. (...) Mulheres são mais vulneráveis a mudanças e transformações.’ Por isso, elas experienciam um duplo deslocamento - o físico, que as distancia de sua comunidade natal e o simbólico que, muitas vezes, pode tornar-se violento (...). (HADDAD, 2008, p. 40).<sup>5</sup>

---

<sup>4</sup> Disponível em: < <https://www.acnur.org/portugues/emergencias/ucrania/> >. Acesso em: 22 maio 2024.

<sup>5</sup> No original: “The threat of gender-specific violence and the power of male agency in defining and directing the contours of refugeehood provide particular difficulties for refugee women: ‘Displaced female bodies are made to become specific sites of power where gendered, hierarchizing power relations privileging men over women... are recuperated and stabilized precisely at a time (displacement) when those power relations are disrupted and most vulnerable to shifts and transformations.’ Accordingly, they

---

Diante daquilo que Emma Haddad (2008) pontua sobre o refúgio, nosso objetivo de pesquisa é conhecer aquilo que emerge quando mulheres em deslocamento forçado praticam o ato de narrar entre nós, ou seja, quando participam de oficinas coletivas de narrativas. O que elas desejam? O que consideram importante? Quais assuntos pensam que não podem ser deixados de lado para uma mulher em situação de refúgio? É disso que este estudo pretende ir atrás.

Para atingir nosso objetivo, vamos realizar pesquisa bibliográfica, de natureza qualitativa e empírica. Já o nosso método de procedimento é chamado de “narrar entre nós”, uma combinação das metodologias de Histórias de Vida e Rodas de Conversa. Quem vai nos conduzir pela leitura da bibliografia são as autoras Julieta Paredes, Gayatri Spivak, Emma Haddad e Margareth Rago. Julieta Paredes contribui para os estudos das teorias feministas a partir da lente do “feminismo comunitário”, situado no âmbito do feminismo decolonial; Gayatri Spivak, também integrante dessa corrente dos estudos de gênero, contribui para a pesquisa com sua noção de “sujeitos subalternos”; Emma Haddad é nossa principal referência no que diz respeito ao estudo do refúgio enquanto fenômeno; e Margareth Rago, nos auxilia a trilhar o caminho das narrativas de vida com perspectiva de gênero.

No que diz respeito ao narrar entre nós, mais do que explicar um fenômeno, o que se quer é conhecer aquilo que é narrado pelo grupo em coletividade e entender se as oficinas das quais as mulheres em situação de refúgio participam podem ser entendidas como uma atividade de interação sociocultural que pode trazer benefícios para o grupo ou se isso acaba não ocorrendo.

A metodologia em questão busca conhecer “o trabalho de reconstrução do sujeito e de sua rede de relações” (SELIGMANN-SILVA, 2013, p. 19), sua perspectiva subjetiva diante dos fatos, mas sem muitas regras firmes: a decisão dos temas abordados é do grupo, assim como a duração dos encontros; a ordem e a frequência das falas também são direcionadas pelas integrantes da oficina; também busca-se a eliminação da hierarquia que costuma se colocar entre quem pesquisa e sujeitos pesquisados – a função da pesquisadora é de uma curiosa mediadora-provocadora e não de alguém que detém a verdade sobre determinado assunto.

---

experience a ‘double displacement – a physical displacement from the so-called home community and a symbolic and at times violent displacement from agency”. Tradução livre da autora.

---

Para conhecer a produção simbólica resultante das oficinas de narrar entre nós, vamos apresentar em forma de reportagem-ensaio, como diz Raúl Osório Vargas (2003), aquilo que emerge dos encontros realizados na Casa de Passagem Terra Nova, local que abriga pessoas refugiadas em São Paulo, no bairro da Mooca. Foram seis encontros, de 19 de outubro a 30 de novembro, com 10 participantes.

Entre os resultados que encontramos – ou seja, aquilo que mulheres em situação de refúgio narram quando estão em coletividade – estão os temas dos planos para o futuro, a vivência de uma mulher em deslocamento, a maternidade, o trabalho, a maternidade e a importância de atividades de interação sociocultural no país de acolhida. No último dia das oficinas de narrar entre nós com o grupo de usuárias da Casa de Passagem Terra Nova, fizemos uma avaliação sobre os encontros e, segundo o grupo, a atividade de narrar entre nós contribuíram para elas em três aspectos: como efeito de identificação entre o grupo – saber que elas não estão sozinhas no processo de deslocamento e conhecer outras histórias de vida faz com que se sintam mais amparadas –, para que possam aprender sobre visões de mundo diferentes das suas e como atividade de interação sociocultural, já que o grupo passa muito tempo ocioso na Casa de Passagem Terra Nova.

## REFERÊNCIAS

ACNUR. **Perfil Socioeconômico dos refugiados no Brasil**. Brasil, 2019. 20 p.

ACNUR. **Vozes das pessoas refugiadas**. Brasil, 2020. 46 p.

ACNUR. **Mid-Year Trends**. Suíça, 2023. 32 p.

HADDAD, Emma. **The refugee in international society: between sovereigns**. Cambridge University Press, 2008.

JUNGER DA SILVA, Gustavo; CAVALCANTI, Leonardo; LEMOS SILVA, Sarah; TONHATI, Tania; LIMA COSTA, Luiz Fernando. **Observatório das Migrações Internacionais**; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Departamento das Migrações. Brasília, DF: OBMigra, 2023.

LISBOA, Teresa Kleba. Gênero e migrações – trajetórias globais, trajetórias locais de trabalhadoras domésticas. **REMHU – Revista Interdisciplinar da Mobilidade Urbana**, ano XIV, n. 26 e 27, 2006, p. 151-166.

---

OSÓRIO VARGAS, Raúl Hernando. **O lugar da fala na pesquisa da reportagensaião:** o Homem das Areias, um flagrante do diálogo oratura-escritura, 2003. Tese de Doutorado, São Paulo: ECA, USP.

PAREDES CARVAJAL, Julieta. Uma ruptura epistemológica com o feminismo ocidental. In: HOLLANDA, HELOISA B. (Org.) **Pensamento feminista.** Perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020a, p. 195-204.

PEREIRA, João Alexandre. Uma psicologia do oprimido. In.: BOSI, Eclea. **Memória e sociedade:** lembranças de velhos. São Paulo: Tao, 1979.

RAGO, Margareth. **A aventura de contar-se:** feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade. Editora da UNICAMP, 2013.

SELIGMANN-SILVA, Marcio. Viver no feminino - Uma mais sete histórias de vida. In.: RAGO, Margareth. **A aventura de contar-se:** feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade. Editora da UNICAMP, 2013.

SPIVAK, Gayatri. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.